

CAPÍTULO VI

A EUROPA DEPOIS DO TRATADO

ESTE Capítulo precisa ser pessimista. O Tratado de Paz não contém qualquer disposição orientada para a reabilitação econômica da Europa – nada que transforme as Potências Centrais derrotadas em bons vizinhos, nada que permita dar estabilidade aos novos Estados europeus, nada para salvar a Rússia; não promove de nenhuma forma um pacto de solidariedade econômica entre os próprios aliados. Em Paris nada se fez para restaurar as finanças desordenadas da França e da Itália, ou para ajustar os sistemas do Velho e do Novo Mundo.

O Conselho dos Quatro não se preocupou com esses temas, mas sim com outros – Clemenceau queria esmagar a economia do inimigo, Lloyd George conseguir um acordo para levar consigo a Londres, e exibi-lo durante uma semana, Wilson nada fazer que não fosse justo e correto. É um fato extraordinário, mas o problema econômico fundamental de uma Europa esfomeada que se desintegrava diante dos seus olhos era a única questão para a qual foi impossível provocar o interesse dos Quatro. As reparações foram sua excursão principal no campo da economia, a ser resolvida como um problema de teologia, de política, de chicana eleitoral – de todos os pontos de vista exceto o do futuro econômico dos Estados cujo destino eles estavam manipulando.

Deixo aqui Paris, a Conferência, o Tratado, para considerar brevemente a situação atual da Europa, produto da guerra e da Paz. E não será mais minha intenção distinguir entre os frutos

inevitáveis da guerra e os desastres da paz, que poderiam ser evitados.

Os fatos essenciais, como os vejo, podem ser ditos simplesmente. A Europa consiste no agregado mais denso de população de toda a história. Uma população habituada a um padrão de vida relativamente alto, e na qual, mesmo agora, alguns segmentos têm a expectativa de melhoria, em lugar de deterioração. Em relação aos outros continentes, a Europa não é auto-suficiente, especialmente em alimentos. A sua população não está distribuída igualmente, e boa parte dela se concentra em um número relativamente pequeno de densos centros industriais. Antes da guerra essa população se sustentava, com uma margem estreita de excedentes, por meio de uma organização delicada e de imensa complexidade, tendo como fundamentos o carvão, ferro, o sistema de transporte e um suprimento contínuo de alimentos e matérias primas trazidos do exterior. Destruída essa organização e interrompido o fluxo de suprimentos, uma parte da população perdeu seus meios de subsistência. A emigração não está aberta ao excedente demográfico, que levaria anos para ser transportado ao ultramar, mesmo que houvesse países dispostos a aceitá-lo, o que não acontece. O perigo que enfrentamos na Europa, portanto, é a rápida queda do padrão de vida, até um ponto em que parte da população passe fome (situação a que já se chegou na Rússia e de certa forma também na Áustria). Nem sempre as pessoas aceitam morrer de fome em silêncio: algumas são dominadas pela letargia e o desespero, mas outros temperamentos se inflamam, possuídos pela instabilidade nervosa da histeria, podendo destruir o que resta da organização social, e submergindo a civilização com suas tentativas de satisfazer desesperadamente as necessidades individuais. É contra esse perigo que todos os nossos recursos, nossa coragem e idealismo devem cooperar.

Em 13 de maio de 1919 o Conde Brockdorff-Rantzau submeteu à Conferência de Paz o relatório da comissão econômica

alemã incumbida de estudar os efeitos das condições da Paz sobre a população da Alemanha. Segundo esse relatório, “no curso das duas últimas gerações a Alemanha se transformou de nação agrícola em um Estado industrial. Enquanto era uma economia baseada na agricultura podia sustentar 40 milhões de habitantes. Como um país industrializado poderia garantir a subsistência de 67 milhões, e em 1913 a importação de alimentos chegou, em números redondos, a 12 milhões de toneladas. Antes da guerra, 15 milhões de pessoas estavam empregadas no comércio exterior, na navegação e no processamento, direto ou indireto, de matéria prima importada.” Depois de resumir as principais disposições do Tratado de Paz, o relatório prossegue: “Com a sua produção diminuída, depois da depressão resultante da perda das colônias, da frota mercante e dos investimentos no exterior, a Alemanha não terá condições de importar uma quantidade adequada de matéria prima. Assim, uma grande parte da sua indústria estará condenada inevitavelmente à destruição. Ao mesmo tempo, a necessidade de importar alimentos crescerá consideravelmente, e a possibilidade de satisfazer essa demanda vai diminuir de muito. Assim, dentro de muito pouco tempo o país não terá condições de fornecer pão e emprego a seus numerosos milhões, impedidos de ganhar a vida na navegação marítima e no comércio. Essas pessoas deveriam emigrar, mas isto é uma impossibilidade material, porque muitos países – e os mais importantes – se oporão a receber imigrantes alemães. Para implementar as condições do Tratado de Paz seria necessário, logicamente, reduzir a população alemã em vários milhões. Uma catástrofe que poderia não tardar, considerando que a saúde do povo alemão foi muito prejudicada – pelo bloqueio, durante a guerra, e pelo agravamento da fome, durante o armistício. Nenhuma assistência, mesmo por um longo período, poderia impedir essas mortes em massa.” O relatório conclui assim: “Não sabemos se os delegados das Potências Aliadas e Associadas reconhecem essas conseqüências, que são inevitáveis se um Esta-

do industrial como a Alemanha, densamente povoado, e vinculado estreitamente ao sistema econômico mundial, precisando importar enormes quantidades de matérias primas e alimentos, for obrigado a recuar subitamente para uma fase do seu desenvolvimento que corresponde à condição econômica e à população de meio século atrás. Os que assinarem esse Tratado estarão assinando a sentença de morte de muitos milhões de alemães – homens, mulheres e crianças.”

Ignoro se é possível dar uma resposta adequada ao relatório. A descrição se aplica tanto à situação da Áustria como da Alemanha. É um problema fundamental que temos à nossa frente, que torna insignificantes as questões de ajuste territorial e de equilíbrio de poder na Europa. Algumas das catástrofes da história, que atrasaram por séculos o progresso da humanidade, foram devidas ao fim súbito, por razões naturais ou ações humanas, de condições temporariamente favoráveis que permitiram o aumento da população além do que era possível sem essas ocasionais condições favoráveis.

As características relevantes da situação européia imediata podem ser agrupadas em três categorias: em primeiro lugar, a queda absoluta, neste momento, da produtividade; em segundo lugar, a destruição do sistema de transporte e de comércio pelo qual os produtos europeus podiam ser levados aos mercados onde eram demandados; em terceiro lugar, a incapacidade de adquirir no exterior o suprimento habitual de alimentos e matérias primas.

A diminuição da produtividade não é fácil de estimar, e pode ser objeto de uma expectativa exagerada. Mas sua evidência *prima facie* é muito grande, e esse fator tem sido o núcleo principal das advertências feitas pelo Senhor Hoover. É o resultado de várias causas: a desordem interna violenta e prolongada, como na Rússia e na Hungria; a criação de novos governos e sua falta de experiência no reajuste da economia, como na Polônia e na Tchecoslováquia; o desvio dos trabalhadores eficientes, em todo

o continente, com as perdas da guerra ou a persistência da mobilização; a pobreza da alimentação nas Potências Centrais; a exaustão do solo devido à escassez de adubos durante a guerra; o desassossego das classes trabalhadoras com relação aos temas econômicos fundamentais da sua vida. Acima de tudo, porém, há (para citar Hoover) “uma importante diminuição do esforço como reflexo da exaustão física de grande parte da população, devido às privações e ao ônus físico e mental da guerra”. Por uma variedade de razões muitas pessoas estão desempregadas. Ainda segundo Hoover, um relatório resumido das agências européias de desemprego mostrava em julho de 1919 que 15 milhões de famílias recebiam alguma forma de auxílio-desemprego, pago quase sempre em moeda sujeita a inflação contínua. No território alemão há a dificuldade adicional ao trabalho e ao capital representada (na medida em que os termos das reparações sejam interpretados literalmente) pela circunstância de que durante anos qualquer resultado obtido acima do nível mais baixo de subsistência será agora retirado aos alemães.

Os dados precisos de que dispomos podem não acrescentar muito ao quadro geral de decadência, mas quero recordar ao leitor um ou dois deles. Estima-se que a produção européia de carvão tenha caído em trinta por cento; e a maior parte das indústrias da Europa e todo o seu sistema de transporte dependem de carvão. Enquanto antes da guerra a Alemanha produzia 85 por cento dos alimentos ali consumidos, sua produção agrícola diminuiu em 40 por cento, e a da sua pecuária em 55 por cento.¹ Entre os países europeus que possuíam um grande excedente exportável, a Rússia, por exemplo, pode passar fome, tanto pela deficiência de transporte como pela produção reduzida. Além dos outros problemas que enfrenta, a Hungria foi saqueada pelos romenos logo depois da sua colheita. Antes do fim do ano a Áustria terá consumido toda a sua produção para 1919. Assim,

¹ Cf. *Report on Food Conditions in Germany*, do Professor Starling (Cmd. 280).

os dados são quase espantosos demais para convencer-nos; se não fossem tão ruins, talvez fossem aceitos mais facilmente.

Mesmo onde se pode conseguir carvão, e colher o trigo, a desarticulação do sistema ferroviário europeu impede o seu transporte; e mesmo quando é possível produzir mercadorias, a quebra do sistema monetário impede a sua venda. Já descrevi os danos sofridos pelo sistema de transporte da Alemanha, devido à guerra e às condições impostas pelo armistício. Mesmo assim, se levarmos em conta a capacidade de reposição do país, a situação ali provavelmente não é tão séria quanto a de alguns dos seus vizinhos. Na Rússia, por exemplo – país sobre o qual temos muito pouca informação exata e segura – acredita-se que a condição do equipamento ferroviário é desesperadora, e uma das causas mais fundamentais da desordem econômica prevalecente. Na Polônia, na Romênia e na Hungria a situação não é muito melhor. Contudo, a vida industrial moderna depende essencialmente de transporte eficiente, e as populações que por esse meio garantiam seu sustento não podem dispensá-lo. Esses males são agravados pela quebra do sistema monetário e a perda de confiança no poder de compra das moedas, aspecto que precisa ser examinado com um pouco mais de detalhe no concernente ao comércio exterior.

Qual é assim o quadro que temos da Europa? Uma população rural capaz de sobreviver com os frutos da produção agrícola mas sem o excedente enviado habitualmente às cidades, e também sem o incentivo costumeiro de trocar alimentos por produtos manufaturados (devido à falta de matérias primas importadas, que reduz o estoque e a variedade desses produtos); e uma população urbana que não se pode manter devido à falta de alimentos, incapaz de ter uma renda com a falta de matérias primas essenciais para a produção, e de suprir com produtos importados os que já não podem ser produzidos localmente. No entanto, segundo Hoover, “uma estimativa geral indicaria que a população européia tem pelo menos 100 milhões a mais do nú-

mero de pessoas que é possível sustentar sem importações, e precisa viver da produção e distribuição de produtos exportáveis.”

O problema da reinstalação do ciclo perpétuo de produção e troca no comércio exterior me leva a uma digressão necessária sobre a situação monetária européia.

Atribuiu-se a Lênin a declaração de que a melhor maneira de destruir o sistema capitalista é destruindo a moeda. Com um processo contínuo de inflação os governos podem confiscar uma parte importante da riqueza dos seus cidadãos, secreta e furtivamente. Com esse método eles não só confiscam mas o fazem arbitrariamente; é um processo que empobrece a muitos mas na verdade enriquece uns poucos. Esse deslocamento arbitrário da riqueza fere não só a segurança mas a confiança na equidade da distribuição da renda. Aqueles a quem o sistema traz vantagens além do que merecem, e mesmo do que esperam ou desejam, passam a ser “aproveitadores” – objeto de ódio da burguesia, que a inflação empobreceu, não menos do que o proletariado. À medida que a inflação se desenvolve, e o valor da moeda flutua de mês a mês, as relações permanentes entre credores e devedores, fundamento do capitalismo, se desorganizam até quase perderem o sentido. E o processo de aquisição de valor degenera em uma loteria de azar.

Não há dúvida de que Lênin tinha razão. Não há meio mais seguro e mais sutil de subverter a base da sociedade do que corromper a sua moeda – processo que empenha todas as forças ocultas da economia na sua destruição, de modo tal que só uma pessoa em cada milhão consegue diagnosticar.

Nas fases finais das hostilidades todos os governos beligerantes praticaram, por necessidade ou incompetência, o que um bolchevista teria feito deliberadamente. Mesmo agora, com a guerra terminada, a maioria desses governos mantém essas práticas errôneas. Mais ainda: por imprudência ou fraqueza muitos dos governos europeus procuram dirigir para a classe dos

“aproveitadores” a indignação popular contra as conseqüências mais óbvias dos seus métodos viciados. De modo geral, esses “aproveitadores” são a classe de empresários capitalistas – ou seja, o elemento mais ativo e construtivo de toda a sociedade capitalista –, que em um período de preços em rápida ascensão não pode deixar de enriquecer, queiram ou não. Se os preços continuam a aumentar, todos os comerciantes que adquiriram mercadorias para estocar ou que possuem prédios ou instalações inevitavelmente terão lucros. Ora, ao dirigir contra essas pessoas o ódio popular, os governos europeus estão levando um passo adiante o processo fatal concebido conscientemente por Lenin. Na verdade, os chamados “aproveitadores” são uma conseqüência e não uma causa do aumento contínuo dos preços. Ao combinar o ódio do povo à classe dos empresários com o atentado à segurança econômica da sociedade representado pela violação arbitrária dos contratos e do equilíbrio da riqueza – resultado inevitável da inflação –, esses governos estão tornando impossível a manutenção da ordem econômica e social do século dezenove. No entanto, não têm planos para substituí-la.

Assistimos assim na Europa ao espetáculo da extraordinária debilidade da classe capitalista criada pelos triunfos industriais do século dezenove, a qual há alguns anos parecia reunir nossos poderosos senhores. Atualmente, é tão grande o medo e a timidez pessoal dos membros dessa classe, diminuiu tanto sua confiança no lugar que ocupa na sociedade e na importância do papel que exerce no organismo social, que ela passou a ser uma vítima fácil da intimidação. Isso não acontecia na Inglaterra vinte e cinco anos atrás, como não acontece hoje nos Estados Unidos da América. Naquela época os capitalistas acreditavam no valor que tinham na sociedade, na propriedade da sua existência, gozando plenamente sua riqueza e exercendo sem restrições o seu poder. Agora os capitalistas tremem diante de qualquer insulto – quando acusados de pró-germânicos, financistas internacionais ou “aproveitadores” pagam qualquer preço para que essas acusações sejam retiradas. Eles podem ser arruinados pelos seus

próprios instrumentos: os governos que instalaram no poder e a imprensa de que são proprietários. Talvez seja uma lei histórica o fato de que nenhuma ordem social perece a não ser pela sua própria mão. No mundo mais complexo da Europa Ocidental a Vontade Imanente pode atingir o seu objetivo mais sutilmente, e provocar a revolução não menos inevitavelmente por meio de um Klotz ou um Lloyd George do que pelas concepções intelectuais dos filósofos sanguinários da Rússia, implacáveis e deliberados demais para o nosso gosto.

A inflação do sistema monetário europeu já avançou extraordinariamente. Incapazes por timidez ou miopia de obter com impostos ou empréstimos os recursos de que precisavam, os governos beligerantes recorriam à impressão de papel-moeda. Na Rússia e na Áustria-Hungria esse processo chegou a tal ponto que a moeda desses países praticamente não tem valor no comércio internacional. O marco polonês pode ser comprado por cerca de $\frac{1}{2}$ *penny*, ou seja, $\frac{1}{480}$ da libra; a coroa austríaca por menos de 1 *penny*, e essas moedas não podem ser vendidas. O marco alemão vale menos de 2d. Na maioria dos outros países da Europa Oriental ou Sul-Oriental a situação é quase tão ruim. A moeda italiana vale pouco mais do que a metade do seu valor nominal, embora ainda esteja sendo mantida sob um certo controle. A moeda francesa tem um valor incerto; e até mesmo a libra esterlina teve o seu valor presente reduzido, e mais ainda o seu valor futuro.

Mas embora essas moedas tenham uma situação precária no exterior, mesmo no caso da Rússia ainda não perderam totalmente o poder de compra interno. O sentimento de confiança na moeda legal do Estado é tão profundo nos cidadãos de todos os países que eles não podem deixar de acreditar que algum dia o dinheiro recuperará pelo menos em parte o seu antigo valor. Essas pessoas acreditam que o valor é inerente à moeda, e não percebem que a riqueza real por ela representada foi dissipada para sempre. Esse sentimento encontra apoio nos regulamentos com que os vários governos procuram controlar os preços inter-

nos. Assim, a força das leis preserva algum poder de compra, e a força do sentimento e dos costumes sustenta, especialmente entre os camponeses, a inclinação de guardar um papel que na verdade já perdeu o seu valor.

No entanto, a preservação de um valor espúrio para a moeda, por força da lei, contém as sementes da decadência econômica definitiva, e não demora a secar as fontes do suprimento final da moeda. Se as pessoas são obrigadas a trocar o fruto do seu trabalho por um pedaço de papel que, como a experiência ensina, não pode ser usado para adquirir o que necessita por um preço comparável àquele recebido pelo que vende, elas tenderão a reter o que produzem, concedendo-o como um favor aos amigos e vizinhos, ou diminuirão o esforço empregado na sua produção. Quando o sistema monetário obriga a troca de produtos a um preço que não reflete o seu valor relativo, isso não só compromete a produção mas leva à ineficiência e ao desperdício. Mas se o governo não interfere na regulamentação, e deixa que as coisas sigam o seu rumo, os produtos essenciais atingem um preço que só está ao alcance dos ricos, de modo que a perda de valor do dinheiro se torna aparente, e o fato de que o público está sendo fraudado não pode mais ser ocultado.

O efeito do controle de preços e da caça aos “aproveitadores”, como cura da inflação, é ainda pior. O que quer que aconteça dentro do país, no exterior a moeda não vai tardar a ter o seu valor real, e em consequência os preços dentro e fora do país se desajustam. O preço dos produtos importados, quando convertidos à taxa de câmbio corrente, excede em muito o preço local, de modo que muitos produtos essenciais deixarão de ser importados pelo setor privado, e precisarão ser fornecidos pelo governo. Este, vendendo-os abaixo do custo, aumenta a sua insolvência. Um exemplo desse fenômeno é o subsídio ao pão, que se generalizou na Europa.

Os países da Europa podem ser agrupados em duas categorias no que toca suas manifestações do que é na verdade o mes-

mo mal: os que foram afastados do comércio internacional pelo bloqueio e aqueles cujas importações são pagas com recursos dos aliados. A Alemanha pertence à primeira categoria; a França e a Itália à segunda.

A circulação de papel-moeda na Alemanha é cerca de dez vezes o que era antes da guerra.² O valor do marco em termos de ouro é cerca de 1/8 do valor anterior. Como os preços do ouro mais do que dobraram, segue-se que o valor do marco dentro da Alemanha precisaria ser aumentado de dezesseis a vinte vezes em relação ao seu valor de antes da guerra para ajustar-se aos preços no exterior.³ Mas não é o que acontece. A despeito do grande aumento havido nos preços na Alemanha, no caso dos alimentos básicos eles provavelmente não superam em média mais de cinco vezes o seu nível anterior. E é impossível que continuem a subir, a não ser que o nível dos salários suba de forma simultânea e violenta. O desajuste atual prejudica de dois modos (além de outros obstáculos) a reconstrução do comércio de importação que é uma premissa essencial para a reconstrução econômica do país. Em primeiro lugar, os produtos importados superam o poder de compra da grande massa da população,⁴ e a inundação de importações que se poderia esperar depois do levantamento do bloqueio na verdade não foi possível, em termos comerciais.⁵ Em segundo lugar, para o comerciante ou o industrial é arriscado comprar com crédito estrangeiro matéria prima pela qual, depois de importá-la e utilizá-la na sua manufatura, receberá marcos de valor incerto e possivelmente

² Mais ainda, se incluirmos os *Darlehenskassenscheine*.

³ Da mesma forma, na Áustria os preços deveriam ser aumentados de vinte a trinta vezes em relação ao período de antes da guerra.

⁴ Uma das dificuldades mais marcantes e mais sintomáticas enfrentadas pelas autoridades aliadas na administração das áreas ocupadas pela Alemanha, durante o armistício, decorria do fato de que ainda que se trouxesse alimentos a essas regiões os seus habitantes não tinham condições de adquiri-lo, mesmo a preço de custo.

⁵ Em teoria, um nível de preços internos muito baixo deveria estimular as exportações, e regularizar-se. Mas na Alemanha (e mais ainda na Polônia e Áustria) há muito pouco ou quase nada a exportar. É preciso assim que haja importações *antes* das exportações.

inconvertíveis. Este último obstáculo à recomposição do comércio facilmente deixa de ser notado, mas merece uma certa atenção. Atualmente é impossível dizer quanto valerá o marco em moeda estrangeira dentro de três ou seis meses, ou de um ano, e o mercado de câmbio não nos dará uma indicação segura. Assim, um comerciante alemão, cuidadoso com a sua reputação e o seu futuro crédito, pode ter dúvidas em aceitar um financiamento de curto prazo em libras ou dólares. Será devedor em libras ou dólares, mas o seu produto será vendido em moeda nacional, e a possibilidade de converter essa quantia em moeda estrangeira, para pagar sua dívida, é absolutamente problemática. Os negócios perdem seu caráter genuíno e se tornam uma especulação cambial, e as flutuações do câmbio se sobrepõem inteiramente aos lucros normais do comércio.

Há portanto três obstáculos distintos ao renascimento do comércio: o desajuste entre preços internos e internacionais; a escassez de crédito individual no exterior para comprar a matéria prima necessária que garanta o capital de giro e permita recomençar o círculo do intercâmbio; e um sistema monetário desordenado, tornando as operações creditícias perigosas ou mesmo impossíveis, além dos riscos comuns do comércio.

A circulação de papel-moeda na França é mais de seis vezes o que era antes da guerra. O valor de troca do franco em termos de ouro é um pouco menos de dois terços do seu valor passado. Em outras palavras, o valor do franco não diminuiu proporcionalmente ao aumento do meio circulante.⁶ A situação aparentemente melhor da França se deve ao fato de que até recentemente uma boa parte das suas importações não eram pagas, mas sim amparadas por empréstimos dos governos britânico e norte-americano. Isso levou a um desequilíbrio entre exportações e importações, o que passou a ser um fator muito sério, agora que a assistência externa está sendo gradualmente

⁶ Levando em conta o menor valor do ouro, o valor de troca do franco deveria ser menos de quarenta por cento do seu antigo valor, em vez dos cerca de sessenta por cento, se a queda fosse proporcional ao aumento de volume do meio circulante.

descontinuada.⁷ A economia interna da França e o seu nível de preços, em relação ao câmbio e ao meio circulante, se baseia hoje em um excedente de importações sobre exportações que não poderá ser mantido. Contudo, é difícil ver como essa situação possa ser corrigida a não ser mediante uma redução do consumo na França, que, ainda que temporária, causará vivo descontentamento.

A situação da Itália não é muito diferente. Nesse país o meio circulante é cinco ou seis vezes maior do que era antes da guerra, e o valor da lira em termos de ouro é aproximadamente metade. Assim, o ajuste do câmbio ao volume da quantidade de moeda em circulação avançou mais do que na França. Por outro lado, as receitas “invisíveis” da Itália (remessas de emigrantes e gastos de turistas) foram muito prejudicadas. As dificuldades vividas pela Áustria lhe retiraram um mercado importante, e sua dependência da marinha mercante estrangeira e de matéria prima importada, de todos os tipos, a deixou especialmente vulnerável à elevação dos preços internacionais. Por essas razões a sua situação é grave, e o excesso de importações é um sintoma tão sério como no caso da França.⁸

Nos dois países a inflação e o desequilíbrio no comércio exterior são agravados pela infeliz situação orçamentária mantida pelo governo.

⁷ A tabela abaixo mostra como a posição cambial da França está hoje bem longe de uma situação de equilíbrio (valores em milhares de libras):

| | Média mensal | Importações | Exportações | Excedente de importação |
|---------|--------------|-------------|-------------|-------------------------|
| | 1913 | 28.071 | 22.934 | 5.137 |
| | 1914 | 21.341 | 16.229 | 5.112 |
| | 1918 | 66.383 | 13.811 | 52.572 |
| jan-mar | 1919 | 77.428 | 13.334 | 64.094 |
| abr-jun | 1919 | 84.282 | 16.779 | 67.503 |
| jul | 1919 | 93.513 | 24.735 | 68.778 |

Esses dados foram convertidos aproximadamente ao par, o que é compensado pelo fato de que em 1918 e 1919 o comércio foi dimensionado com taxas oficiais de 1917. As importações da França não poderão continuar nesse nível, e é falsa a aparência de prosperidade sugerida por essa situação.

⁸ São os seguintes os dados referentes à Itália (valores em milhares de libras):

Na França, é notório o fracasso do esforço de tributação. Antes da guerra os orçamentos da França e da Inglaterra eram mais ou menos iguais, como também a tributação média *per capita*. Na França, porém, nenhum esforço substancial foi feito para cobrir o aumento da despesa pública. Calcula-se que “os impostos aumentaram na Grã-Bretanha, durante a guerra, de 95 para 265 francos per capita, enquanto na França o aumento foi só de 90 para 103 francos.” Para o ano fiscal terminando em 30 de junho de 1919 a tributação aprovada na França foi menos da metade da tributação normal *post bellum*. O futuro orçamento não pode ser estimado em menos de 22 bilhões de francos, ou seja, 880 milhões de libras, valor que poderá ser ultrapassado. Mas mesmo para o ano fiscal 1919-20 a receita tributária não cobre muito mais da metade dessa importância. O Ministério das Finanças francês não dispõe de qualquer plano ou política para cobrir esse déficit prodigioso, com a exceção das receitas esperadas da Alemanha, em uma escala que os próprios funcionários franceses consideram irrealista. Entrementes eles se socorrem da venda de material de guerra e de estoques de excedentes norte-americanos, e não têm escrúpulos em recorrer até mesmo na segunda metade de 1919 a uma expansão adicional das emissões de moeda pelo Banco de França.⁹

A situação orçamentária da Itália talvez seja um pouco melhor do que a da França. Durante a guerra a administração das finanças públicas italianas demonstrou um espírito mais empreendedor do que o das francesas, e esforços muito maiores foram feitos para impor tributos aos contribuintes, de modo a

| | Média mensal | Importações | Exportações | Excedente de importação |
|---------|--------------|-------------|-------------|-------------------------|
| | 1913 | 12.152 | 8.372 | 3.780 |
| | 1914 | 9.744 | 7.368 | 2.376 |
| | 1918 | 47.005 | 8.278 | 38.727 |
| jan-mar | 1919 | 45.848 | 7.617 | 38.231 |
| abr-jun | 1919 | 66.207 | 13.850 | 52.357 |
| jul-ago | 1919 | 44.707 | 16.903 | 27.804 |

⁹ Nos dois últimos relatórios disponíveis do Banco de França, de 2 e 9 de outubro de 1919, o aumento na emissão de moeda durante a semana chegou a 18.750.000 e 18.825.000 libras, respectivamente.

cobrir o custo da guerra. Não obstante, em carta dirigida ao eleitorado, às vésperas da eleição geral, em outubro de 1919, o Primeiro Ministro Nitti julgou necessário dar a público a seguinte análise desesperada da situação do país: 1) a despesa governamental chega a três vezes a receita; 2) todas as empresas industriais do Estado, inclusive as ferrovias, telégrafo e telefone, estão incorrendo em prejuízo. Embora o público compre pão a um preço elevado, ele está sendo subvencionado, e representa para o governo um custo da ordem de um bilhão por ano; 3) atualmente o valor das exportações é avaliado em somente um quarto ou um quinto do valor das importações; 4) a dívida nacional está aumentando em cerca de um bilhão de liras por mês; 5) os gastos militares em um mês ainda são superiores aos do primeiro ano da guerra.

Se essa é a situação orçamentária da França e da Itália, a do resto da Europa beligerante é ainda mais desesperadora. Na Alemanha, a despesa total do Império, dos Estados federados e dos municípios em 1919-20 pode ser estimada em 25 bilhões de marcos, dos quais não mais de 10 bilhões são cobertos pela receita dos impostos. Está claro que esses valores não incluem qualquer previsão para o pagamento das reparações de guerra. Na Rússia, Polônia, Hungria e Áustria não se pode dizer que haja propriamente um orçamento.¹⁰

Assim, a ameaça da inflação descrita acima é não só um produto da guerra, que a paz começa a curar. Trata-se de um fenômeno persistente, cujo fim ainda não está à vista.

Todas essas influências se combinam não só para impedir a Europa de gerar imediatamente um fluxo de exportações que pague as mercadorias que ela necessita importar mas prejudi-

¹⁰ Em 3 de outubro de 1919 Bilinski apresentou seu relatório financeiro à Dieta polonesa, estimando a despesa para os nove meses seguintes em mais do dobro dos gastos durante os nove meses precedentes; e enquanto para o primeiro período a receita chegava a um quinto dos gastos, nos meses seguintes elas correspondiam a um oitavo da despesa. O correspondente do *Times* em Varsóvia reportou que “de modo geral o tom de Bilinski era otimista e parecia satisfazer sua audiência”!

cam o seu crédito para conseguir o capital de trabalho necessário para restabelecer o círculo de intercâmbio. Além disso, afastam ainda mais a economia de uma situação de equilíbrio e favorecem a continuação das condições atuais, em lugar de uma recuperação. Temos assim diante de nós uma Europa ineficiente, desempregada, desorganizada, dilacerada pelos conflitos internos e o ódio internacional, lutando, pilhando, mentindo, morrendo de fome. Que garantia podemos ter de um quadro de cores menos sombrias?

Neste livro dei pouca atenção à Rússia, Hungria e Áustria.¹¹ Nesses países a miséria e a desintegração social são por demais conhecidas para exigir uma análise. Eles experimentam o que no resto da Europa ainda pertence ao campo da previsão. No entanto, abrangem um vasto território e uma grande população, e são um exemplo de como uma pessoa pode sofrer e uma sociedade pode decair. Acima de tudo, sinalizam como, na catástrofe final, a doença do corpo se transforma em moléstia da alma. A privação econômica se desenvolve em etapas, e enquanto as pessoas a sofrem com paciência o mundo exterior pouco se importa. A eficiência física e a resistência às doenças diminuem lentamente,¹² mas a vida continua até que é alcançado o limite da resistência humana e idéias de loucura e desespero tiram esses sofredores da letargia que precede a crise. Então o homem sacode os grilhões do costume, e se liberta. O poder das idéias é

¹¹ Os termos do tratado de paz imposto à república austríaca não têm relação com os fatos reais da situação desesperada desse país. Em 4 de junho de 1919 o jornal *Arbeiter Zeitung*, de Viena, comentava o seguinte: "Nunca a substância de um tratado de paz traiu de forma tão grosseira as intenções que se alegava terem guiado a sua redação como no caso desse tratado..., onde todas as disposições estão permeadas de crueldade e impiedade, onde não é possível detectar um sopro de simpatia humana, que nega tudo o que une os homens, que é um crime contra a própria humanidade, contra um povo sofrido e torturado." Estou familiarizado com os detalhes do tratado austríaco, e estive presente durante a redação de alguns dos seus termos, mas não considero fácil desmentir a justiça desse transporte de emoção.

¹² Durante os últimos meses as notícias sobre as condições sanitárias dos Impérios Centrais têm sido tais que chocam a imaginação, e ao citá-las quase parecemos culpados de sentimentalismo. Mas a veracidade dessas notícias não é disputada, e para que o leitor não as perca cito as três que seguem: "Nos últimos anos da guerra só na Áustria pelo menos 35.000

soberano, e ele segue qualquer conselho de esperança, ilusão ou vingança que lhe chega aos ouvidos. No momento em que escrevo, as chamadas do bolchevismo russo parecem haver-se esgotado, pelo menos momentaneamente, e os povos da Europa Central e Oriental são mantidos em um torpor pavoroso. A última colheita mitiga as piores privações, e em Paris a paz foi declarada, mas o inverno se aproxima e as pessoas nada terão para alimentar suas esperanças. Haverá pouco combustível para moderar os rigores da estação e para confortar os corpos esfaimados dos moradores das cidades.

Quem dirá até que ponto o homem pode suportar esses sofrimentos, ou em que direção deve procurar por fim escapar dos seus infortúnios?

peessoas morreram tuberculosas, sendo 12.000 apenas em Viena. Hoje, temos pelo menos 350 a 400 mil pessoas que precisam ser tratadas de tuberculose. ... Em consequência da desnutrição toda uma geração está crescendo com músculos, articulações e cérebro pouco desenvolvidos.” (*Neue Freie Press*, 31 de maio de 1919). A comissão de médicos nomeada pelas faculdades de medicina da Holanda, Suécia e Noruega para examinar as condições da Alemanha reportaram o seguinte à imprensa sueca, em abril de 1919: “A tuberculose está aumentando de modo espantoso, especialmente entre as crianças e, de modo geral, de forma maligna. Assim também o raquitismo está prevalecendo da forma mais séria e mais difundida. É impossível fazer qualquer coisa contra essas doenças; pois não há leite para os tuberculosos nem óleo de fígado de bacalhau para os que sofrem de raquitismo. ... A tuberculose está assumindo aspectos quase sem precedentes, que até agora só eram vistos em casos excepcionais. Todo o organismo é atacado simultaneamente, e nessa forma a doença é praticamente incurável. ... A tuberculose é agora quase sempre fatal nos adultos, sendo a causa de noventa por cento dos casos de hospitalização. Nada se pode fazer contra ela devido à escassez de alimentos. ... Assume as formas mais terríveis, como a tuberculose glandular, que provoca uma dissolução purulenta.” Segue-se uma matéria do *Vossische Zeitung* de 5 de junho de 1919, escrita por jornalista que acompanhou a missão Hoover ao Erzgebirge: “Visitei extensos distritos rurais onde noventa por cento de todas as crianças eram raquíticas e onde crianças com três anos de idade estão começando a andar ... Acompanhem-me a uma escola no Erzgebirge. Parece um jardim da infância, mas não é: são crianças com sete e oito anos, os rostos pequenos, grandes olhos opacos, testas grandes e raquíticas, inchadas, os bracinhos só de pele e osso e sobre as perninhas tortas, com juntas deslocadas, as barrigas inchadas e pontudas do edema famélico ... ‘Vejam esta criança aqui’, disse o médico responsável: ‘recebeu uma quantidade incrível de pão e contudo não ficou mais forte. Descobri que escondia o pão recebido debaixo do seu colchão de palha. O medo da fome tinha raízes tão profundas que ela preferiu guardar o pão em vez de comê-lo; um instinto animal desorientado fazia com que o medo da fome fosse pior do que a própria fome’” Contudo, aparentemente há muitas pessoas para quem a justiça exige que esses seres paguem um tributo até os quarenta ou cinquenta anos de idade, em benefício do contribuinte inglês.